

Divisão de Biologia do Instituto Agrônomo

SUBSTITUI O ENG. AGR. CARLOS ARNALDO KRUG, RECENTEMENTE APOSENTADO NAQUELE CARGO — ATUAÇÃO TÉCNICA DAQUELE AGRÔNOMO

Com o comissionamento do eng. agr. Carlos Arnaldo Krug, há dois anos, o eng. agr. Aristeu Nucci assumiu a diretoria da Divisão de Biologia, em substituição daquele técnico que se encontra atualmente prestando a sua colaboração junto a FAO, na cidade de Roma. O dr. Aristeu Nucci foi indicado para o cargo, uma vez aposentado o dr. Krug, pelo dr. Paiva Neto, diretor geral do Instituto Agrônomo.

A indicação foi submetida à Comissão Permanente de Tempo Integral, constituída de professores e pesquisadores da Universidade de São Paulo e seus institutos complementares, que, em seu parecer, declarou que além de estudar os trabalhos e o currículo vitais do interessado, entrevistou-o, longamente, procurando conhecer os seus planos de trabalho e melhor apurar sua dedicação à especialidade que cultiva. A referida Comissão, mostrou-se satisfeita com os trabalhos apresentados, principalmente aqueles relativos à introdução de plantas, no setor de inegável valor para a experimentação agrícola, em consequência do que, ao final opinou favoravelmente à proposta, esclarecendo que a nomeação poderia ser em caráter efetivo, visto que o interessado já possuía estágio de experimentação completa.

A notícia teve repercussão no meio agrônomo e do funcionalismo em geral pois fez-se jus aos comprovados méritos do nomeado que, há quase 24 anos sem um afastamento sequer por qualquer motivo, dedica-se às funções de seu cargo e às entidades de classe ligadas à profissão ou ao funcionalismo, pois, foi fundador e presidente da Sociedade Paulista de Agronomia, fundador e presidente do Clube dos Agrônomos de Campinas, fundador e diretor do Centro dos Funcionários Públicos, presidente do Conselho e presidente da Diretoria da Associação Campineira dos Funcionários Públicos.

AS ATIVIDADES DO NOVO DIRETOR

Ainda quando no final de seu curso universitário, realizado na tradicional Escola Superior de Agricultura «Luiz de Queiroz» da Universidade de São Paulo, foi convidado a integrar o quadro técnico do Instituto Agrônomo, naquele tempo dirigido pelo dr. Teodoro de Almeida Camargo, fazendo-o a 1.º de dezembro de 1934, iniciando suas atividades na Seção de Genética, em cujo quadro atingiu o final da carreira, após 6 anos.

Dedicando-se aos trabalhos de genética e melhoramento de Phaseolus, estudou a biologia da espécie vulgaris e desenvolveu técnica própria de hibridação. Das observações realizadas sobre o material em estudo, evidenciou-se a suscetibilidade das variedades em estudo a moléstia a virus, iniciando então um plano de melhoramento genético, visando a criação de variedades comerciais resistentes à citada moléstia. Posteriormente, identificando em seu material de estudo variedade resistente ao *Uromyces appendiculatus*, deu início ao outro trabalho de melhoramento nêse sentido, sendo de se notar que, no gênero constituem eles os primeiros executados na área latina do continente.

A par dos trabalhos de melhoramento, o eng. agr. L. A. Nucci realizou trabalhos de genética pura, pelo estudo da hereditariedade e heritabilidade de diferentes caracteres.

Ainda nesse setor de trabalho, identificou espécies de *Phaseolus* e variedades de *Phaseolus vulgaris* resistentes ao *Erysiphe polygoni*.

Ampliou as observações sobre a caracterização das variedades e pormenorizou as observações sobre as diferentes moléstias de espécie em diferentes zonas do Estado, o que possibilitou o reconhecimento da reação do material em estudo em diferentes condições ecológicas.

Estudando a biologia de *Ipomoea*, contribuiu com observações originais, constando estruturas que esclareceram pontos divergentes sobre a reprodução, bem como comprovou método de tratamento das sementes evidenciando a sua plena viabilidade.

Em 1949, foi-lhe confiada a chefia da Seção de Introdução de Plantas, da então Sub-Divisão de Genética, em sucessão ao eng. agr. Alcides Carvalho, seu primeiro titular.

Nesta, empenhou-se, inicialmente, em ampliar os seus serviços, superiormente organizados pelo seu antecessor. Com o desenvolvimento dos trabalhos procedeu a alterações adaptando-o às novas exigências, para fazê-lo eficiente. A amplitude dos trabalhos desta Seção podem ser estimada sabendo-se que através dela 20 outras Seções do Instituto estão em contato com o mundo todo, sendo de se registrar que já estabeleceu ela intercâmbio com 112 países ou unidades político-geográficas e que de seus registros constam mais de 22.500 introduções das mais distintas espécies e variedades.

Do «Correio Popu'ar» de Campinas, de 26 de Julho de 1958



SOCIOLOGIA DO CAFÉ (Conclusão)

nando possível nos lugares mais quentes como nos mais frios da terra. A importância do clima é muito grande para o desabrochar da civilização nas zonas rurais. O clima depende não só da latitude como da altitude. Uma região mais ao norte ou mais ao sul do Equador, com clima mais quente ou mais frio, torna a vida mais fácil ou mais difícil, a prosperidade maior ou menor. Não pensemos todavia que se trata de um fenômeno de constância absoluta. No Brasil temos zonas sobre o Equador, como Belém do Pará, terrivelmente quentes em certas horas do dia mas frescas durante a noite, depois da chuva cotidiana da tarde.

As correntes dos ventos têm também acentuada influência sobre a salubridade regional como sobre a fertilidade do solo. É fato observado por todos que viajam no Brasil, como AGASSIZ, por exemplo, que as zonas batidas pelos ventos, alísios estão isentas de certas doenças. É o caso da malária em vários pontos da Amazônia.

No Ceará, na serra do Ibiapaba, quase sobre o Equador, à noite faz bastante frio. Em Pernambuco, a 8.53' do Equador, Garanhuns, com 950 metros de altitude, tem uma temperatura amena e até fria, cultivando-se aí várias espécies vegetais européias. A ação do clima é proveitosa não só para

os hábitos de vida como para as próprias condições favoráveis ou desfavoráveis ao desenvolvimento agrícola e da prosperidade dos soci.

A topografia é outro fator importante na vida do grupo.

Ela influi não só para o desenvolvimento das espécies vegetais, como também para o desenvolvimento da espécie humana. Todos sabemos que a certa altitude o bem-estar se torna mais difícil, não só pelas condições atmosféricas como pela dificuldade de fazer chegar até lá os elementos indispensáveis ao desenvolvimento de uma vida próspera.

Os núcleos de civilização que se organizaram nas diversas comunidades não são resultantes do desejo do indivíduo ou de sua mera simpatia: estão determinados pela situação da maior ou menor facilidade de acesso. Quando um grupo se estabiliza num ponto é porque o local apresenta evidentes possibilidades para seu crescimento. Depois, conforme a topografia do terreno e a maior ou menor facilidade de comunicação com as outras regiões, a prosperidade se faz mais rápida ou mais lenta. E não só o progresso material, mas as próprias condições de vida e o caráter dos grupos sociais que aí se estabelecem se mostram sensíveis a tal fator. As populações de montanhas são mais conservadoras. Guardam hábitos e atitudes que, muitas vezes, já não existem nas outras regiões». (Págs. 45 a 47).

Voltaremos, oportunamente, ao assunto. Até breve.